

PIBIC
Relatório Final de Pesquisa

O Agente Social Comunitário: entre o Estado e a “Comunidade”

Relatório apresentado como parte dos requisitos para a conclusão do período de iniciação científica sob orientação do Professor Luis Guilherme Galeão-Silva.

Aluno Decio Thomas de Paula Machado

São Paulo

RESUMO

Este trabalho teve, primeiramente, como diretriz compreender o agente comunitário de assistência social como indivíduo inserido em um papel ambíguo: como reprodutor, no microcosmo do sistema social, ao mesmo tempo, em que está atrelado aos seus vínculos sociais de origem. A pesquisa foi realizada através do acompanhamento de duas agentes de proteção a família (APS), realizada através do método de entrevista livre e da análise do sofrimento no trabalho. O trabalho de campo foi feito através do acompanhamento de duas agentes de proteção a família (APS) que atuam naquela comunidade. Tal atividade foi formada tanto pela observação do trabalho das mesmas, suas relações com as pessoas para as quais o programa de assistência do Estado é direcionado, entrevistas com as agentes, seguido de uma devolutiva após a conclusão do trabalho.

Introdução

A pesquisa teve como objetivo conhecer as relações entre os agentes de proteção a família (APS), suas relações como agentes burocráticos do Estado e ao mesmo tempo, pertencentes às “comunidades carentes”. Conhecer os seus papéis que poderiam se configurar numa contradição entre reprodutores da ordem social do Capital e, ao mesmo tempo, resistentes a mesma. A análise dos resultados das entrevistas foi feita a partir do referencial teórico de autores críticos.

A pesquisa foi realizada na comunidade Nova Jaguaré, em São Paulo através de entrevistas com duas mulheres, agentes do programa ação família. Um dos referenciais foi à teoria crítica da sociedade tem como pressuposto a emancipação, assim como exposto por Horkheimer em seu ensaio “Teoria tradicional e teoria crítica” o pensamento crítico é motivado pela tentativa de superar realmente a tensão, a oposição entre a consciência dos objetivos e as relações dos processos de trabalho, por outros” (HORKHEIMER, 1989:132).

Este relatório final contém as seguintes seções: referencial teórico, aproximação do objeto de pesquisa, método, pesquisa, subdivida em resultados e análise e a conclusão.

Referencial teórico:

Para analisar o contexto sócio-histórico no qual estão inseridos tanto as APS como o programa, recorreu-se, primeiramente, à análise do sistema que permeia quase todas as esferas sociais: o Capital. Dentro dessa análise, partiu-se para a explicação da questão da modernidade (uma vez que esta é vinculada ao desenvolvimento do Capital). Em especial de sua fase atual compreendida como modernidade líquida, de acordo com Bauman. Dentro de tal contexto analisar-se-á a noção de Comunidade, seu conceito e suas limitações.

Depois será feita a distinção do caso estado-unidense e francês dos “guettos” para o das comunidades populares brasileiras. Tendo em vista esta consideração, mostrar-se-á onde está inserido o programa de assistência social, para daí chegar ao trabalho das agentes (APS), mostrando a necessidade de inclusão de conceitos de

psicodinâmica do trabalho para esta pesquisa, e da relação epistemológica entre psicologia e sociologia, para justificar o uso daqueles conceitos.

Primeiramente, portanto, a noção de Capital é primordial para a pesquisa, citando Marx:

“O capital não é uma coisa, mas uma relação de produção definida, pertencente a uma formação histórica particular da sociedade, que se configura em uma coisa e lhe empresta um caráter social específico(...) São os meios de produção monopolizados por um certo setor da sociedade” [no capitalismo, a burguesia] “, que se confrontam com a força de trabalho viva enquanto produtos e condições de trabalho tornados independentes dessa mesma força de trabalho, que são personificados, em virtude dessa antítese, no capital” (MARX APUD BOTTOMORE, 2001:44)

Dentro dessa definição o Capital também pode ser definido como um “processo de expansão do valor(...), por vezes definido como “valor que se auto-expande” (BOTTOMORE, 2001:45), que têm como conhecida fórmula D-M-D’, com D’ como a expansão do valor inicial devido ao processo de exploração do trabalho, gerando a mais-valia (*mehrwert*). Em suma, o Capital constitui “uma poderosíssima estrutura *totalizante* de organização e controle do metabolismo societal, à qual todos, inclusive os seres humanos devem se adaptar” (ANTUNES, 2006:23). Essa é a relação fundamental do sistema do capital, válida para o sistema capitalista-como também para o socialismo real, que havia a exploração do trabalho diretamente pelo Estado (MESZÁROS, 2007). O sistema do Capital se forma em “um tripé constitutivo”, ou seja, juntamente com o Estado e Trabalho (ANTUNES, 2006:22)- não como atividade humanizante, mas como sua forma alienada. Desse modo, não bastaria eliminar um ou dois pólos desse tripé, mas sim sua totalidade.¹

Outro conceito fundamental para a pesquisa é o de comunidade, que será analisada criticamente; para tanto, é necessário mostrar o pano de fundo sócio-histórico no qual está inserido e quais são suas implicações para a pesquisa.

Bauman, em seu livro “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2007) alude a nova fase na qual estão situados os (não tão) díspares eventos do fim das Utopias – o fim das grandes narrativas, segundo J. F. Lyotard a ascensão do “excesso de subjetividade” (ZIZEK, 2008) e mudança do foco da política da “sociedade emancipada, justa” para a dos “direitos humanos” (BAUMAN, 2007:46).

¹ Daí o fracasso estrutural do sistema soviético.

Os principais pressupostos que caracterizam a atual etapa da história humana são, primeiramente, colapso das grandes instituições modernas: a fragmentação das classes sociais -de acordo com a acepção marxista- a perda de poder por parte do Estado – nação, e da família- após as revoluções da década de 60, etc; e em segundo lugar, a reinvenção descontínua das instituições humanas históricas (SENNET; 2007:55), não apenas no sentido concreto (p. ex Universidades) mas também as entidades que povoam o todo social; é necessário citar o excerto do sociólogo americano Richard Sennett:

“Os manuais e revistas de negócios hoje tendem a retratar o comportamento flexível como exigindo o desejo de mudança;mas na verdade trata-se de um determinado tipo de mudança, com determinadas conseqüências para o nosso tempo(...)a mudança flexível, daquela que hoje ataca a rotina burocrática, busca reinventar decisiva e irrevogavelmente as instituições, para que o presente se torne descontínuo com o passado” (SENNET,2007:55) [grifos nossos]

Tendo como base tais pressupostos, Bauman inicia sua argumentação com uma ponderação: Não podemos nos considerar “pós-modernos”, uma vez que estamos vivendo a “realização” constante daquela fase que marcou o surgimento da era do Capital. As antigas “amarras” que nos prendiam, tanto a tradição quanto a religião², são destituídas de seu trono, concomitantemente, somos responsáveis por nossos atos, nossas conquistas e desgraças – tal como disse Sartre que a existência implica responsabilidade. Somos uma sociedade em que o indivíduo torna-se o centro³. E por último, sobre a nossa era Bauman afirma:

“O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas de convívio humano: a compulsiva e obsessiva (...) modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa” (2007: 36)

O que nos diferencia então dessa “primeira modernidade”? De acordo com Bauman, duas características principais (já aludidas aqui): a renovação constante e descontínua das instituições e a “desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes. O que costumava ser considerado uma tarefa para a Razão

² Não podemos totalizar tal argumento: a religião ainda é fundamental para se entender a atual fase histórica, mas podemos diferir, principalmente da era pré-moderna, quando a o poder concentrado nas mãos dos representantes de Deus” era, no mínimo, similar a das ditaduras do séc. XX.

³ Não indivíduos *de facto*, mas indivíduos *de jure* (BAUMAN,2007: 59), ou ,para citar Marx, o que ainda reina é a individualidade e a liberdade abstratas.

humana(...) foi fragmentado(...) (e) atribuído às vísceras e energias individuais”(BAUMAN,2007: 38).

Em suma, a responsabilidade foi “transferida” para o indivíduo (BAUMAN, 2007:44-5), ou seja, “a responsabilidade pela danoção não pode ficar com a sociedade; a redenção e a condenação são produzidas pelo indivíduo e somente por ele - o resultado do que o agente livre fez livremente de sua vida” (BAUMAN;2007:76).

Continuando sua linha de argumentação, Bauman explica que, à renovação constante das instituições, os homens encontram - se em um estado permanente de des-acomodação: apesar de a modernidade destronar a tradição das influências que assombravam os homens, suas próprias instituições, como as classes sociais, tendiam a englobar e aprisionar os mesmos ao longo de toda sua vida (BAUMAN, 2007:42).

Na “Modernidade líquida”, tal evento não acontece: encontramos-nos em uma permanente situação de des-enraizamento; Contudo, o cotidiano pode nos fornecer um indício das implicações de tal fato: a dificuldade do “homo sapiens” histórico de conviver com a ambigüidade e a contingência. Em tal estado perene, é difícil não existir qualquer tipo de ligação com referência à identificação, ou seja , o homem procura se associar a algum tipo de coletividade, já que , segundo Hegel , a comunidade é a mediação particular entre o homem individual e o universal(a humanidade). Bauman explicita tal evento: as “*cloakroom communities*” (comunidades guarda-roupas) – adequadas à rapidez das mudanças, são “comunidades” que se formam e desaparecem em incrível velocidade. O próprio Bauman, em seu livro “*Comunidade*”, afirma que se distingue das comunidades “originárias.” Estas, de acordo com o autor possuíam algumas características básicas: entendimento tácito, implícito, não uma acordo racional, como o entendimento, entre as pessoas que compunham tal agremiação humana. “pequena (ponto de estar à vista de seus membros) e auto-suficiente” (BAUMAN, 2001:15). Podemos citar outra característica fundamental exposta pelo autor, ou seja, a restrição dos fluxos comunicativos àquela agremiação humana, já que a perspectiva de comunicação fora da mesma poderia criar um tipo de pensamento em relação àquela comunidade, e a mesma cairia na agonia de Tântalo(BAUMAN,2003:13—24).Em suma, confirma a célebre afirmação de Marx no início de *O 18 de Brumário*

de Luís Bonaparte: “na história, os eventos vêm, em primeiro lugar como tragédia e, depois, como farsa”. Deste modo, as “comunidades” recaem como tragédia.

As Comunidades do medo (do terrorismo pós-11 de setembro), dos “bodes-expiatórios (alusão a qualquer evento/acometimento/pessoa que possa ser culpada por um infortúnio coletivo), e dos fãs de algum” (BAUMAN, 2007:103) pseudo-cantor-artista dos tempos pós-modernos” são alguns exemplos das tais “*cloakroom communities*”. As comunidades, no entanto, apesar de tal contradição, são vistas ainda como fortes de proteção perante a insegurança do capitalismo flexível, como um “ambiente seguro sem ladrões à prova de intrusos”(BAUMAN, 2007:103)

Seguindo tal raciocínio sobre o *des-enraizamento* e *des-acomodação*, Bauman afirma que os indivíduos são formados em tais condições, logo, o esfacelamento das “instituições modernas” são reafirmadas com tantas “comunidades”, a fragmentação do mundo torna-se patente; explicando de outra forma, a probabilidade de identificação *inter-pares* para fins de ações coletivas de grande eficácia torna-se extremamente dificultada; ao invés de política com fins a uma sociedade justa, o máximo que se consegue é a garantia dos direitos da diferença, dos direitos humanos – a realização da política pós-moderna. O autor conclui que existe é um “excesso de subjetividade”, um povoamento da esfera pública pela privada, onde o espaço público de discussão é reduzido ao reconhecimento das diferenças privadas. Para o autor, portanto, a tarefa da crítica seria procurar promover a cidadania .

A respeito dessa conclusão, podemos questioná-la a partir da argumentação de Žižek, na questão da “Paixão pelo Real”. Antes de avançarmos, é necessário se distanciar do tema da comunidade para compreendermos a argumentação de Žižek. O “Real”, termo da psicanálise Lacaniana, não é a realidade, o que existe para o sujeito, mas sim aquilo que o escapa, aquela esfera impossível de ser dita, que é constantemente dissecado pela dimensão do simbólico, da linguagem- mas que nunca é completamente “conquistada”. O Real é, portanto, essencial em sua negatividade. O conhecimento do Real é impossível. Quando Žižek afirma “Paixão pelo Real” ele refere-se a um movimento “último e definidor do século XX” (ŽIZEK; 2008: 19), como uma tentativa de dissecar até o último negativo do Real⁴.

⁴ Žižek exemplifica: “ e a figura mais extrema da paixão pelo real não seria a opção que nos é oferecida pelos sites pornográficos de observar o interior da vagina do pornô de vista de uma mini-câmera instalada na ponta do pênis artificial que o penetra”(ŽIZEK, 2008:20)

O problema de tal “política” e movimento é que, ao tentar dissecar o Todo, o efeito não se torna real- no sentido de realidade- mas sim virtual. Para Zizek:

“ pode-se entender o colapso das torres do WTC como a conclusão culminante da “paixão pelo Real” da arte do século XX-(?) os próprios terroristas não fizeram primariamente visando provocar dano material , mas *pele seu feito espetacular*” (ZIZEK, 2008:26) [grifos nossos]

Assim, qualquer tipo de paixão pelo Real progressista- as revoluções do século XX, em seus excessos têm como efeito último a *virtualização* e a *negação* de seus objetivos. Agora podemos compreender a noção de individualidade e “comunidade” na “modernidade líquida” a luz da “política do Real”. A invasão do público pelo privado, afirmada por Bauman, não é realmente uma invasão do privado;

“A lógica de uma “viagem interior”, levado ao extremo, nos coloca diante do vazio da subjetividade e assim *obriga o sujeito a assumir sua completa dessubjetivação*” (ZIZEK, 2008: 07) [grifos nossos]

Ou seja, concordando com Adorno (2001), Horkheimer⁵ e Marcuse (1973), o que existe na verdade, é ainda a dissolução do sujeito, mas por meio de sua própria *super*-afirmação:

“na sociedade consumista do capitalismo recente, a “vida social real” adquire de certa forma características de uma farsa representada, em que nossos vizinhos se comportam “na vida real” *como atores no palco*...Mais uma vez , a verdade definitiva do universo desespiritualizado e utilitarista do capitalismo é a desmaterialização da “vida real” em si, que se converte num espetáculo espectral”⁶ (ZIZEK, 2008.:28)

Podemos considerar a literatura pós-moderna e dos cursos de administração extremamente de acordo com tal argumentação. As metáforas das empresas como teatro deixam de serem figuras de linguagem para, na sua falsidade - de acordo com a teoria de Adorno - exprimirem a sua veracidade. Em outros termos,

⁵ Como afirmou em seu livro “Eclipse da Razão” : “ the crisis of reason is manifested in the crisis of the individual, as whose agency it has developed”(HORKEIMER,2004)

⁶ Idem.

“(…) a crítica, enquanto imanente, tem que desprender o momento de verdade da ideologia⁷ e o mesmo tempo denunciar sua falsidade. Mas o que é falso na ideologia, não é seu conteúdo, e sim a pretensão de corresponder à realidade”(ROUANET,2001:105)

Seguindo tal linha de raciocínio, onde se encaixam as noções de “comunidade” e paixão pelo Real? Simples: As comunidades guarda-roupas são por suas próprias concepções, múltiplas, e que abarcam (quase) todo o tipo de realidade social: nesse sentido, portanto, elas deixam de ser o que eram para se tornarem farsas históricas, ou como afirmou Zizek, no extremo da paixão pelo Real tornam-se *falsas*, ou seja, elas falham ao proteger os indivíduos das incertezas da vida na “modernidade líquida”, de fornecer meios de identificação que contribuam para relações humanas de longo prazo.

Tendo em vista tais referências teóricas (conceitos apresentados) e pressupostos (a condição social, a linguagem e as práticas mediadas pelo social), podemos discutir conceitos mais próximos acerca do conteúdo da pesquisa.

Se a própria “comunidade” aparece como farsa, indagou-se em uma convergência entre uma análise do sociólogo Loïc Wacquant e o objeto de pesquisa: seriam as “comunidades” (as favelas, cortiços, moradias irregulares) no Brasil também, como os guetos estado-unidenses “instrumentos de enclausuramento(...) por meio o qual uma população mal-afamada, corrompida e perigosa é mantida sob isolamento e controle?” (WACQUANT, 2008:65), ou não como “reservatório de trabalho industrial disponível, mas como mero depósito [daqueles para os quais] a sociedade circundante não faz uso econômico ou político?”(Bauman, 2003:108)

Obviamente, as condições de isolamento social nos Estados Unidos são diferentes devidos às condições específicas sócio-históricas de cada país, mas o paralelo entre as duas deve ser considerado. O próprio Bauman afirma que:

“o gueto quer dizer *impossibilidade de comunidade*⁸ Essa característica do gueto⁹ torna a política de exclusão incorporada na segregação espacial e na imobilização uma escolha duplamente segura e a prova de riscos numa sociedade que não pode mais manter todos os seus membros

⁷ no caso das metáforas de teatro, a verdade é que realmente, pela dessubjetivação, as relações tornam-se falsas, como são ensaiadas no espetáculo teatral.

⁸ na definição original de comunidade.

⁹ de não segmentar a comunidade, compartilhar os sentimentos e o estigma públicos, não os tornando irmãos e sofrendores, mas ao alimentar o ódio, o desprezo entre os membros do mesmo.

participando do jogo, mas deseja manter todos os que podem jogar ocupados e felizes, acima de tudo obedientes”(BAUMANN,2003:111)[grifos meus]

Contudo, concluiu-se que na verdade tratam-se objetos diferentes uma vez que o sociólogo francês trata de enclausuramentos e segregações de etnias, ao passo que as favelas no Brasil, muitas vezes se configuram não como guetos, mas sim como comunidades-dormitórios, que não se confunde com uma espécie de “auto-suficiência” do gueto.

Desse modo, portanto, pode-se avançar acerca do objeto da pesquisa. As “comunidades” – não os *guettos* –, no Brasil são alvo de diversos programas de proteção Social, tais como “Combate ao abuso e à exploração sexual infantil de crianças e Adolescentes”¹⁰, “Saneamento Ambiental Urbano”¹¹, o “Bolsa família”¹², o PAF, entre outros. Nesses programas, é necessário o trabalho de agentes de campo, para executarem desde a coleta de informações sobre os beneficiários, como para a execução do programa, entre outras atividades. No caso do PAF, como será descrito mais a frente no trabalho, as APS são responsáveis por tarefas que tem contato direto com a população enviada.

Alguns pressupostos sobre o trabalho das agentes foram levantados, tais como disseram Adorno e Horkheimer, no ensaio “A indústria cultural” (2006), o sucesso de algum ‘indivíduo’ na sociedade formada na produção do Capital, seria determinado, em último caso, pela identificação daquele com o sistema. Tendo em vista tal observação, as APS se situam em posição contraditória entre o Estado (Capital) e o Trabalho. Concomitantemente, seriam elas, em última instância, o micro-cosmos reprodutores da ordem social do Capital, mas ao mesmo tempo com contradições para o sistema social. Nesse sentido, talvez a contratação e seleção das pessoas para a formação de agentes comunitários possa seguir essa lógica – não que seja questionado a questão da dominação, mas como ela é feita, por meios explícitos ou implícitos. Desse modo, pode-se questionar que tal modo de escolha é similar a da lógica da indústria cultural. Em outras palavras, pode-se esperar que os indivíduos que pudessem apresentar algum potencial reativo à relação entre “comunidade” e

¹⁰ http://www.planobrasil.gov.br/arquivos_down/lei_10933anexoIV.pdf

¹¹ *idem*

¹² *ibidem*

Estado seriam deixados de lado, e, aqueles que possuísem afinidades eletivas com o sistema dominante (resignação) seriam contratados.¹³

Por outro lado, tendo em vista a relação dos agentes com seu trabalho, uma pesquisa (LOTTA,2008) sobre estilos de implementação de políticas públicas pode fornecer elementos para indagações sobre o papel social das APS.

A autora analisa o processo de implementação direta dos agentes do programa saúde de família – ACS agentes comunitários de saúde – como é feito o trabalho, entre o que é prescrito e que realmente acontece. Para analisar as diferenças entre trabalho prescrito e efetivo, a autora utiliza o termo “discricionarietà”, ou seja:

“A discricionarietà desses agentes está em determinar a natureza, quantidade e a qualidade dos benefícios e as sanções fornecidas por sua agência. Assim, mesmo que dimensões políticas oficiais moldem alguns padrões de decisão, bem como as normas comunitárias e administrativas, esses agentes ainda conseguem ter autonomia para decidir como aplicá-las e inseri-las nas práticas de implementação” (LOTTA,2008:03)

Partindo de tal análise, a autora analisa a atividade do agente (nos termos da autora: “prática”) comparando a conduta padrão e sua “discricionarietà”. Tal análise mostra que, muitas vezes, os ACS fazem “mais do que o prescrito”, i. e. ,na atividade(“prática”) “fazer encaminhamento”, a autora conclui :

“Alguns ACS extrapolam os serviços de saúde para fazerem encaminhamentos para outros serviços, como o Bolsa família, recomendações para vagas em creches, para recebimentos de pensões, etc.” (LOTTA,2008:07)

O que se observa, a partir de tal pesquisa, é que em várias outras atividades os agentes extrapolam suas funções prescritas, podendo ai residir o que Dejours(1999) chama de inteligência do trabalho, de não realização da atividade prescrita para realmente se conseguir executar as tarefas necessárias. Essa inteligência do trabalho é o um meio de evitar o sofrimento no trabalho, categoria que será usada, não como uma “psicologização” dos processos sociais, mas como uma a análise dos processos subjetivos (sofrimento,reconhecimento) serve para mostrar as diversas faces da observação para negar o Todo a partir da partes que não se integram ao mesmo,como enfatizou Adorno:

¹³ O resultado de tais questões será discutido mais a frente.

“While social laws cannot be “extrapolated” from psychological findings, the individual is, on the other hand, not simply individual, not merely substractum of phsychology , but, as long as he behaves with any vestige of rationality, simultaneously, the agent of the social determinations that shape him. His “phsychology”, the dimension of irrationality, points back, no less than instrumental rationality, to social moments”¹⁴

Ao referir-se a Adorno, é fundamental considerar para o presente trabalho o seguinte excerto:

“A questão sobre o alvo da sociedade emancipada recebe respostas como a realização das possibilidades humanas ou a riqueza da vida. Se a questão é tão ilegítima quanto inevitável igualmente é inevitável o caráter repulsivo, triunfal da resposta, que traz a lembrança do ideal de personalidade da social democracia do século XIX, de barbudos amantes da natureza desejoso de gozar a vida. A única delicadeza se encontraria no mais grosseiro: que ninguém precisasse passar mais fome. Tudo o mais põe como critério para uma condição humana que deveria ser determinada conforme necessidades humanas um modo de conduta moldado pelo modelo de produção como um fim em si. Na aspiração a um ser humano desinibido, atuante?, criativo insinuou-se o fetichismo da mercadoria, que traz consigo na sociedade burguesa a inibição, a impotência e a esterilidade do sempre igual”¹⁵[grifos nossos]

Em outras palavras, àqueles que passam fome, não é possível a emancipação, quanto menos o pensamento crítico. Antes de pensar-se em tais enunciados e possibilidades, aos que não tem nada, a potencialidade é negada. No reino da mercadoria, da racionalidade instrumental, do funcionalismo teórico e da barbárie contínua, infelizmente, o caminho à emancipação é dificultado, severamente. O medo, e não o pressuposto do *homo economicus*, é um dos mecanismos que negam o confronto contra a totalidade negativa do Capital:

“The individual’s rational economic behavior undoubtely derives from something more than economic calculation and the profit motive(...) Fear constitutes a more crucial subjective motive of objective rationality .It is mediated. Today anyone who fails to comply with the economic

¹⁴“Enquanto leis sociais não podem ser extrapoladas de achados psicológicos, o indivíduo é, por outro lado, não simplesmente indivíduo, não meramente o substrato da psicologia, mas, enquanto ele se comporta com vestígios de racionalidade, simultaneamente, o agente das determinações sociais que o molda. Sua “psicologia”, sua dimensão da irracionalidade, aponta, não menos que sua irracionalidade instrumental, para momentos sociais.”[tradução livre]

Adorno, T. *Sociology and Psychology* 1968: 73

¹⁵ Adorno, Theodor. *Minimia Moralia: reflexões a partir da vida lesada*. p. 152-53. Editora Ática. 2008, São Paulo

rules will seldom go under straight away. But the fait of the *déclassé* looms on the horizon.(...) the refusal to play games arouses suspicions and exposes offenders to the vengeance though they may not yet be reduced to going hungry and sleeping under bridges. But the fear of casting out, the social sanctions behind economic behavior¹⁶, have long been internalized along with other taboos, and have left their mark on the individual. *In the course of history this fear has become second nature*"¹⁷ [grifos nossos]

Contudo, a crítica e o compromisso com a emancipação não podem jamais serem descartados. Com Hegel nasceu a teoria social (MARCUSE, 2004) e também, o mesmo:

“ chegara ao ponto em que a sociedade, que representava o estágio histórico do auto-desenvolvimento dos homens, tinha de ser interpretada como a totalidade das relações humanas, e isto com vistas ao seu papel de promover a realização da razão e da liberdade” (MARCUSE, 2004:288).

Quase dois séculos depois da morte de Hegel, apesar das enormes dificuldades, ainda perseguimos a realização das potencialidades humanas.

Aproximações ao objeto de pesquisa

Seguindo o referencial teórico crítico utilizado, seguimos aqui na corrente da crítica fundada na dialética, que tem como fundamento a análise das relações sociais. A análise crítica das aparentes conciliações sob a perspectiva crítica das

¹⁶ É interessante notar como Bauman afirma algo parecido, em outro contexto: “A única função positiva que o *underclass* pode desempenhar é induzir as pessoas decentes(?), as pessoas comuns(?), a se agarrarem ao tipo de vida que vivem, pois a alternativa é horrível demais para que sequer se possa levá-la em consideração. A alternativa é cair na *underclass*.(BAUMAN,,2009:83) Os termos pessoas decentes e pessoas comuns tem uma conotação irônica e crítica no texto original.

¹⁷ “ O comportamento econômico racional do indivíduo deriva , sem dúvida, de algo muito mais que o cálculo econômico e a motivação pelo lucro(...). Medo constitui um motivo subjetivo mais crucial da racionalidade objetiva.Ele é mediado. Hoje em dia, qualquer um que falhe na aceitação[e resignação] das regras econômicas vai, geralmente, para baixo imediatamente. Mas o destino dos *déclassé* aparece indistintamente no horizonte(...) a recusa de jogar jogos[da ordem vigente] levanta desconfiança e expõe os ofensores à vinganças, embora eles não devam ,ainda, ser reduzidos a passar fome e dormir embaixo de pontes. Mas o medo de ser expelido[do sistema], as sanções sociais detrás do comportamento econômico, há muito foram internalizados junto com outros tabus, e deixaram sua marca no indivíduo. No curso da história, esse medo tornou-se segunda natureza.”[tradução livre]
Adorno, T.*Sociology and Psychology*. 1968: 71

contradições inerentes, ou seja, “o real ainda não é o “atual”, mas, de início, apenas a possibilidade de algum atual” (MARCUSE, 2004:136). Ou seja, não existe algo como o “fim da história”, mas sim como a possibilidade de outra realidade, não-repressiva e que possa realizar as potencialidades do ser humano. Assim, as questões fundamentais a serem respondidas, na questão das APS Conteriam tais agentes atitudes e consciência críticas? As pessoas podem ter consciência da opressão – daí darem condições à emancipação? Ou não chegam nem a realizar tal potencialidade?

Método

O trabalho de campo foi feito por meio do acompanhamento de duas agentes de proteção social (APS), que fazem parte do PAF- programa ação família – Jaguaré (na favela da Vila Nova Jaguaré¹⁸, zona oeste de São Paulo)

O material de pesquisa utilizado foi: observação do trabalho das mesmas, suas relações com as pessoas para as quais o programa de assistência do Estado é direcionado; entrevistas com as agentes¹⁹, que foram conduzidas de modo que deixe o entrevistado falar o máximo possível, com poucas interferências do pesquisador - entrevista livre (RODRIGUES, 1980) e através da Observação participante, que consiste em:

“Como um processo no qual a presença do observador numa situação social mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e, participando com eles em seu ambiente natural de vida, coleta dados. Logo, *o observador é parte do contexto sendo observado no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado por este contexto.* O papel do observador participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado(...) [ele] *pode ser uma parte integrante da estrutura social ou ser simplesmente periférica em relação a ela.* (CICOUREL APUD HAGUETTE; 2005) [grifos nossos]

¹⁸ Ver anexo no fim do trabalho para a localização e o nível de vulnerabilidade social da região, de acordo com as medições do governo.

¹⁹ seguido de uma devolutiva após a conclusão do trabalho.

Além de pesquisa de material sobre o programa na internet²⁰ e análise de cartilhas do programa.

Foram utilizadas as seguintes categorias de análise: sentido do trabalho, realização por meio do trabalho e sofrimento social.

Analisar-se-á o material por meio do método da psicodinâmica do trabalho (DEJOURS, 1999), ou seja, através da análise do sentido do mesmo. Não que o trabalho, como práxis, atividade teleológica humanizante, possa ter seu sentido realizado na era do Capital, uma vez que o próprio Marx já citará a alienação (“*Entfremdung*”) do trabalhador perante seu trabalho²¹ (MARX, 2006). Ou seja, será analisado o sentido do trabalho para o trabalhador sem considerá-lo como um substituto da realização por meio do trabalho.

A utilização do método da psicodinâmica será direcionado como questionador do potencial crítico das agentes, no sentido em que, como afirmara o filósofo alemão do século XIX, Ludwig Feuerbach, “o pensamento é precedido pelo sofrimento” (FEUERBACH apud MARCUSE, 2004: 235).

Resultados e análises

A seguinte seção será dividida entre os resultados da pesquisa, explicando o que é o PAF, suas características chegando, especificamente, ao trabalho das agentes, depois relatando as experiências com as mesmas no decorrer de seu trabalho. Após tal exposição será feita análise crítica.

A pesquisa

É necessário, primeiramente, analisar criticamente o programa da qual as agentes fazem parte, O Programa Ação família (PAF). De acordo com o governo tal atividade consiste em:

²⁰ O site <http://www.acaofamilia.prefeitura.sp.gov.br>

²¹ Marx não utilizara o termo como processo subjetivo, psíquico, mas como um processo social objetivo.

“viver em comunidade visa promover a inclusão social da população mais vulnerável do município, tendo como unidade de ação a família - considerada como mediadora das relações entre seus integrantes membros e a coletividade e também, núcleo de administração de conflitos e afetos.”²²[grifos nossos]

e também

“ assegurar atendimento na rede de serviços públicos às famílias residentes nos setores censitários de alta e muito alta vulnerabilidade, de acordo com o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social, IPVS, da Fundação Sistema Estadual de Análise de dados - SEDAE; Garantir propriedade de inclusão nos programas de transferência de renda às famílias atendidas no Programa Ação Família - viver em comunidade Desenvolver as diferentes capacidades dos membros das famílias, propiciando ganhos de autonomia e melhoria sustentável de sua qualidade de vida.”²³

E sua proposta:

“ é oferecer atividades de natureza sócio - educativa, participativa e colaborativa, estratégias específicas capazes de enriquecer e ampliar as dimensões pessoais, comunitárias e profissionais, com o objetivo de fortalecer a auto - estima, a noção de direitos e deveres, os vínculos sócio-comunitários, o desenvolvimento de habilidades para inserção no mercado de trabalho, a geração de renda e ampliação da autonomia.”²⁴

Além disso, o programa, como especificado no site do PAF deverá também agir em conjunto com outras políticas públicas²⁵:

“A SMADS, na perspectiva de adotar um modelo de gestão comprometido com resultados que realmente signifiquem mudanças no padrão de atendimento à população, considera imprescindível envolver tanto os órgãos da administração pública, entidades e organizações não-governamentais, quanto as subcomissões do COMAS e as comissões locais criadas especificamente para este Programa. Desta forma, cria-se uma rede de atendimento social, efetivando a parceria entre governo e sociedade civil. *No modelo estabelecido para operacionalização do Ação Família, a Secretaria terá como principal atribuição articular a política de proteção social às outras políticas públicas*”²⁶[grifos nossos]

²² <http://www.acaofamilia.prefeitura.sp.gov.br/portalfamilia/Default.aspx?idPagina=1623>

²³ <http://www.acaofamilia.prefeitura.sp.gov.br/portalfamilia/Default.aspx?idPagina=1790>

²⁴ idem

²⁵ Será mencionado criticamente na parte posterior do trabalho

²⁶ <http://www.acaofamilia.prefeitura.sp.gov.br/portalfamilia/Default.aspx?idPagina=1656>

O programa é direcionado para populações, de acordo com a prefeitura, altos índices de vulnerabilidade social²⁷, e as principais características:

“residir em setores censitários, com grupos de IPVS 5 e 6 (IPVS/SEADE, 2004); ter filhos na faixa etária entre 0 e 16 anos; residir na cidade de São Paulo, há pelo menos 2 anos.”²⁸

Além de outras características como “renda insuficiente ou desemprego,(...) vítima de violência Doméstica, família mono parental chefiada por mulher,(...) ser residente em área de risco ou com em domicílio com serviços de infra-estrutura inadequados”²⁹

É necessário mencionar como o programa é estabelecido, sua metodologia; ele é estabelecido em três módulos:

“A dimensão I - Vida em Família tem o objetivo de fortalecer o capital humano, desenvolvendo os potenciais e as habilidades visando a consolidação da parentalidade, as relações de proteção, de cuidado e de construção de valores por meio de acesso às informações e conhecimentos.

A dimensão II - Família na Comunidade tem o objetivo de fortalecer o capital social na família e na comunidade por meio da promoção de relações de confiança, reforçando o sentido de identidade, de pertencimento e da articulação de redes de apoio para a resolução de conflitos, problemas, necessidades e inquietudes de forma participativa.

O desenvolvimento dessas duas dimensões tem como objetivo promover o direito de inserção social e de cidadania presentes na dimensão III - Vida de Direitos. “³⁰

Seguindo essas diretrizes, são capacitados as pessoas que trabalham no PAF, nesse rol, também as agentes, objeto da pesquisa:

“com o objetivo de dar unidade conceitual e metodológica às ações e às estratégias implantadas pelo Ação Família será desenvolvida capacitação pela coordenação do programa (...) a todos os técnicos participantes”³¹

Por fim, na descrição do programa, há a avaliação e monitoramento do mesmo- não será explicitado aqui, por fugir do objetivo da pesquisa- e o detalhamento dos

²⁷ Ver anexo 1 no fim do trabalho.

²⁸ Prefeitura da cidade de São Paulo, secretaria de assistência e desenvolvimento social. *Ação Família: viver em comunidade*. p.13. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006

²⁹ Idem, p.13-14

³⁰ <http://www.acaofamilia.prefeitura.sp.gov.br/portalfamilia/Default.aspx?idPagina=1656> (ver anexo no fim do presente trabalho)

³¹ Op. Citada p. 25

recursos humanos do PAF, ou seja, as pessoas diretamente envolvidas, como a gerente de serviços, funcionários administrativos, os profissionais (psicólogos e assistentes sociais, “oficineiros” e as agentes de proteção social)³². Dessa maneira, pode-se circunscrever, agora, as funções prescritas das agentes, dado as características fundamentais do programa.

De acordo com a cartilha do PAF:

“O agente de proteção social terá contato direto com as famílias por meios de visitas domiciliares [e] ficará responsável por aproximadamente 200 famílias.

O trabalho cotidiano dos agentes, além das visitas, acontecerá por meio da participação em grupos de trabalho sócio-educativos e de integração com a comissão local”.³³

Abordando mais especificamente as visitas, essas são realizadas para

“individualizar e especificar as demandas e necessidades do público-alvo do programa Ação família, considerando as peculiaridades de cada família e território”³⁴

As visitas possuem um método para sua realização; tal como “a ficha da família, no qual estão relacionados os dados de cada um dos membros da mesma”³⁵; o quadro situacional da família que consiste em “um instrumental que visa mapear as situações dos integrantes de uma família em relação ao seu acesso a direitos sociais(...)divididos em seções como saúde, educação, trabalho, etc ”³⁶. Além de tal instrumental material, é especificado todas ações que necessárias em relação as pessoas, desde cautela a bater à porta, não ser invasivo, atentar para rotinas e hábitos familiares”³⁷, ouvir e atentar, geralmente, “para o responsável legal da família mas também para outros integrantes da família”³⁸.Em caso de resistência para entrar nos domicílios, “deve-se procurar levantar os motivos de tais resistências e criar estratégias para contornar tal fato”³⁹.

³² Idem p.35-36

³³ Ibidem p.37

³⁴ Prefeitura da cidade de São Paulo, secretaria de assistência e desenvolvimento social. *Ação Família: viver em comunidade: cartilha da visita domiciliar*. p.16. São Paulo:Imprensa Oficial,2006

³⁵ Idem p. 14

³⁶ Ibidem p.16

³⁷ Ibidem p.18-19

³⁸ Ibidem p.20

³⁹ Ibidem p.22-23

É interessante observar que o papel do agente em relação à família também é prescrito: “o APS deve ser solidário,acolhedor, amistoso, mas não deve confundir seu papel com os de : juiz, amigo,detetive ou policial, Deus⁴⁰, olheiro e professor”⁴¹

Também é citado que “deve-se observar os fatores espaciais e ambientais”⁴²(higiene,urbanização,etc) da moradia e que “ as visitas são complementares às reuniões sócio-educativas, ou seja, os assuntos tratados em uma devem ser tratados na outra e vice-versa”⁴³.

Desse modo, portanto, pode-se compreender o papel a ser executado pelas agentes.

Agora partir-se-á para a descrição de algumas situações-chave da pesquisa empírica feitas pelo autor do presente trabalho.

Assim, acompanhou-se as APS G. e C. , residentes do bairro de jaguaré, através de suas atividades diárias, tanto no acompanhamento e visitas a famílias cadastradas tanto em atividades de apoio na central do PAF na “comunidade”,as reuniões sócio-educativas.

A primeira impressão, no primeiro dia do acompanhamento, foi o olhar de desconfiança, principalmente dos moradores do sexo masculino⁴⁴, perante ao pesquisador, um olhar também que continha indícios de que o observador era um perigo, como aquele que não pertencia à “comunidade”, um estrangeiro.Tal impressão manteve-se em toda visita realizada ao local de pesquisa.

Deste modo, dentre o acompanhamento feito, alguns temas eram recorrentes nas discussões com as pessoas atendidas: “comunidade”, como um todo que englobasse os moradores da região, como algo que os protegesse de danos e inseguranças exteriores. Tal como apontado [p.5-9], a “comunidade” hoje é a tragédia, uma vez que, efetivamente, sua existência como farsa não protege realmente seus membros contra o exterior. Obviamente, tal sentimento “comunitário” , de pertencimento negativo, existe, como mencionado na observação do parágrafo anterior.

⁴⁰ “não adotar postura de salvador da pátria.Deve sempre devolver a responsabilidades das decisões para a família, estimulando-a na busca de seus recursos e de suas próprias escolhas”(ibidem p.25)

⁴¹ Ibidem p.24

⁴² Ibidem p.22

⁴³ Ibidem p.17

⁴⁴ Quando cita-se sexo masculino refere-se no sentido biológico.Obviamente que , a sexualidade humana não é definida pelo seu redutor biológico, um homem pode assumir um papel feminino e vice-versa, como já demonstrou Lacan. Não cabe ao presente trabalho discutir profundamente tais questões, mas ao mencionar-se homens, refere-se ao portador biológico de tal característica.

Na maior partes dos acompanhamentos, outro tema que sempre vinha a tona era o da habitação, da morada, sempre articulando-se em torno da questão “quando seremos re-allocados para conjuntos habitacionais da prefeitura?”. A precariedade das atuais moradias era explícita: esgoto à céu aberto perto das portas, lixo, os “gatos” feitas na rede elétrica- perigo de explosão, incêndio, etc.

Ligado a esse tema, citar-se-á um episódio muito marcante relatado por uma integrante de uma das famílias atendidas: o dos ratos. Particularmente, essa pessoa já morava em um conjunto habitacional da prefeitura, mas, a mesma contava de sua experiência de quando vivia em um barraco. A presença de ratos era constante, diária, de tal maneira que ela até preparava armadilhas para matar os mesmos. Contudo, como a própria explicara: “eles eram tão grandes, do tamanho de um cachorro, que era impossível pega-los”. Seu filho tinha muito medo desses, pois toda noite os animais passavam por cima de sua cama, chegando a morder um de seus pés.

Outro tema constante que aparecia era o da violência física: doméstica (entre pais e filhos, entre irmãos), entre vizinhos- uma vizinha que tentou matar outra, de acordo com os moradores, pois a primeira era “sapatão” e não se conformava que a última não a queria como parceira- e também relacionados ao tráfico de drogas- em uma dos acompanhamentos , um integrante de uma das famílias havia levado um tiro, tornando-se paraplégico- apesar de não haver indícios que existam na região alguma facção como o PCC que domine a “comunidade”. Designou-se física pois todo o processo de exclusão, vivência à margem da barbárie é uma violência contra o homem.

Contudo, o episódio mais violento e significativo da barbárie vivida pelos moradores de Nova Jaguaré foi relatado pela APS G: comentara ela, em um dos acompanhamentos, que um recém-nascido havia morrido por alguma doença relacionada à problemas respiratórios. Tal criança era filha de um casal que morava na parte mais degradada da região, a rua Diogo Pires, onde as moradias são, em sua maior parte , barracos de madeira, em formas de palafitas, com esgoto correndo embaixo das mesmas. O recém-nascido morreu, relatou ela, “por alguma coisa relacionada com o esgoto que corre embaixo, de cheiro muito forte”.

Antes de avançar nos resultados, é importante citar nossa dificuldade de realizar as visitas semanais à Nova Jaguaré. A Alienação social no qual está inserida também a classe dominante foi patente nesse caso. O “não-saber o que está lá fora”

produz um sentimento de profunda angústia, medo nos que estão de fora da “Comunidade”. Não só aliena-se o objeto do trabalho no sistema do Capital, mas como bem apontou Marx, o Homem do próprio homem. Pudemos sentir tal dado objetivo nas questões vivências no cotidiano das visitas.

Retornado à questão do trabalho das APS, por parte das mesmas, de acordo com seu trabalho, é patente a dificuldade e o sofrimento no trabalho, a impossibilidade de realização no mesmo, a necessidade de se fazer além do prescrito, a não-compreensão⁴⁵ por parte das famílias, a impotência perante à realidade e o deslocamento- devido ao desconhecimento -da incapacidade de efetivação do programa devido à sua inserção na estrutura social do Capital, como relata C.⁴⁶:

“Ai assim, eu gosto do meu trabalho, mas às vezes do gostar traz angústia, as angústias que você as vezes... eu sempre questiono a G., ah, mas às vezes a presença é importante, eu falo assim pra ela- mas nem sempre a presença é importante, eu falei pra ela.

Não adianta eu estar aqui passando fome, você ir lá e falar pra mim, não, você tem que arrumar um trabalho, se você não consegue um trabalho, você tem que fazer isso e você tem que fazer aquilo. Às vezes eu não to precisando daquilo, to precisando de 1Kg de arroz. Igual a outra semana, fui na casa de uma família que eu atendo, e por coincidência, o marido da moça era assim, eu peguei ele no colo(eu não to velha). Ele tem 19 anos, eu acho que (eu) tinha 14 ou 15 anos quando ele nasceu. Para mim foi um angústia muito grande, porque ele está desempregado. Ela fez um gesto pra ele, acabou o gás e acordou ele, ai ele ate me deu oi, me chamou pelo meu apelido e eu falei oi. Nisso ele ligou e falou, o gás ta pegando e ela falou, não tava pegando, era o resto do gás. Ai logo apagou e ele voltou pra cama.

Eu olhei assim e fiquei pensando, acho que eles tão sem dinheiro. Aquilo assim na hora, se eu tivesse dinheiro, eu teria dado pra ele, isso não pode fazer no meu trabalho, eu não taria(sic) fazendo meu trabalho, eu estaria fazendo por amizade, por ele, não, pega e vai comprar o gás, porque ele sentou na cama assim(são dois cômodos a casa dele), então onde eu estava dava pra ver a cama. Eu não perguntei se eles tinham dinheiro, se ele dissesse que não tinha dinheiro o que eu ia fazer, eu também não tinha dinheiro.”⁴⁷

É interessante notar aqui a projeção e a identificação da APS com seu próximo, ou seja, ao ver si mesmo no outro, ela mostra o profundo sentimento de impotência

⁴⁵ Muitas coisas podem determinar esse fato: falta de condições básicas para a sobrevivência(levando as pessoas a ignorarem o que o programa teria de positivo: possibilidade de associação dos moradores, para que os mesmos reivindicassem melhorias,etc). Ou também, o medo, como citado no referencial teórico, ou seja, o medo de chegarem a uma situação ainda pior a que estão.

⁴⁶ As seguintes passagens são da entrevista, essa está integralmente disponível no anexo 2.

⁴⁷ Assim, como já pressuposto (p. 10), ao contrário do que LOTTA(2008) classifica como “discrecionarietà”, na verdade se molda como inteligência do trabalho, como executar além do prescrito para que o trabalho possa ser feito- tal como o quebra-galho(DEJOURS,1999:28-33)

perante o Todo. Condição que a oprime e a subjuga; Daí, como dissera Adorno, a causa da (ir)racionalidade econômica: o medo. Esse sentimento de impotência se espalha pela relação entre trabalhadora e a sua tarefa na organização.

G comenta que na sua avaliação há dificuldade de implementação do programa:

“Porque você tem uma expectativa e você vem trabalhar com certa humildade, você, às vezes tem um objetivo e tem uma expectativa, só que depende da resposta do outro, e o nosso trabalho às vezes ele é frustrante nesse sentido, porque nós vamos nas casas, a gente faz a visita. O primeiro instante é só uma abordagem, para poder explicar qual é o programa. As primeiras reuniões todo mundo vem, mas a gente vê que o pessoal ainda tem muito aquela cultura do ganhar. Então as pessoas ainda estão muito focadas nisso...porque eles acham que vão ganhar uma transferência de renda. Com o tempo, teve as primeiras reuniões, depois o povo foi assim, não ..., ai foi desmotivando(sic).”

Outra análise a ser feita aqui é o deslocamento da consciência da origem social do problema para um sentimento de culpa individual. O sofrimento gerado por essa passagem patente na fala acima

E também, foi comentada a questão da não-cooperação entre os programas e as secretárias da prefeitura:

“ Às vezes, você vai chegar numa casa, que o que aquela pessoa quer na realidade é a barriga dela que ta vazia, você esta chegando lá, você não pode oferecer o alimento. Assim, nosso limite, o que eu posso ou não posso ajudar. A gente vai tentando continuar o trabalho, as vezes, a gente fica realmente desmotivada mesmo por causa dessas coisas, e o trabalho fala que ele é inter-setorial, mas a gente vê que a coisa funciona mesmo dentro da própria comunidade.

É setorial porque, existe até uma comissão que os programas da família, ele é ligado a outras 3 secretarias, só que a gente não vê isso funcionar muito, eu acho que a coisa funciona mais dentro da própria comunidade, se une um pra ajudar o outro, vamos falar que a gente tem, vamos supor, a Cristina minha vizinha, se eu tiver um problema, é mais fácil ela me ajudar do que outra pessoa da própria casa, é complicado.

Às vezes, a gente se desanima nesse sentido, cria forças de novo pra continuar”

Podemos agora abordar a condição estrutural do “microcosmo” no qual estão inseridas as duas agentes e o programa (as família, o estado, a “comunidade” e a sociedade), Ação Família, o da impossibilidade de realização do trabalho e a

problemática da crítica e da emancipação. Dentro do sistema do Capital, sua finalidade essencial é “expandir constantemente o valor de troca, ao qual todos as demais- desde as mais básicas e mais íntimas necessidades dos indivíduos até as mais variadas atividades de produção, materiais e culturais- devem estar subordinadas”(MESZÁROS APUD ANTUNES,2006:21). Assim, qualquer extrapolação dentro dessa limitação sistêmica seria impossível. Logo, os comentários da APS expressam bem a vontade de mudar frente a uma impossibilidade de realização da vida dentro do sistema do capital:

“A gente tem uma expectativa [de ajudar a mudar a vida dessas pessoas⁴⁸], só que a outra pessoa tem outra. Aprendemos muito já a trabalhar essa coisa assim, não ficar frustrado. Porque você tem uma expectativa e você vem trabalhar com certa humildade, você, às vezes tem um objetivo e tem uma expectativa, só que depende da resposta do outro, e o nosso trabalho às vezes ele é frustrante nesse sentido, porque nós vamos nas casas, a gente faz a visita [mas não há resposta da Comunidade perante ao trabalho]” [comentários nossos]

Da mesma maneira, a inclusão social proposta pelo programa⁴⁹ é , na verdade um meio do Capital, sem resolver suas próprias contradições, tentar “esfriar” suas explosivas contradições sócio-históricas⁵⁰. Tal pseudo-inclusão está, na verdade, inserido na série de concessões fornecidas à classe trabalhadora, com fins anti-revolucionários, desde o fim do século XIX (MESZÁROS,2007:157,168), tal como sufrágio universal, liberdade de imprensa, e a própria estrutura do *Welfare State*.

Tendo em vista tais considerações, o PAF, está sempre sujeito, em último caso- pois há uma interação dialética entre a produção material e outros setores da atividade humana (arte, política, cultura, religião), com muitas vezes as últimas determinando aquelas, mas em último caso, prevalece a produção material- às determinações estruturais reificadoras do Capital. Para citar como um exemplo mais claro de tal pressuposto, um episódio que ocorrera enquanto a pesquisa era feita; uma agente social contratada pelo programa, K. estava realizando atividades na rua Diogo Pires⁵¹, a parte mais deteriorada da favela,. Muitos moradores sempre a perguntavam sobre a questão da habitação (voltaremos mais a frente com isso),

⁴⁸ Perguntou-se a APS, depois da entrevista, em que sentido ela gostaria de mudar; a resposta foi bem clara: “tudo isso aqui, moradia, educação, tudo”

⁴⁹ Ver páginas 13 a 15.

⁵⁰ Capital e Estado não são duas esferas distintas, mas inter-relacionados sistemicamente, em última instância, por aquele- como a atual crise (financeira) sistêmica demonstrou bem.

⁵¹ Ver anexo no fim do trabalho

quando eles seriam re-locados de lá, para conjuntos habitacionais do governo. Indignada com tal situação, Ela sugeriu à responsável pelo PAF da região que, em conjunto com os moradores, fosse feita algum tipo de reivindicação, como uma passeata, para que fizessem ser exercidos seus direitos.

A responsável pelo PAF, reiterou várias vezes que tal ato não deveria ser empreendido, pois prejudicaria a relação tanto com a empresa empreiteira, quanto com a prefeitura (uma vez que as duas últimas deveriam ser consideradas “parceiras” da “comunidade”).

Antes de implicar em qualquer tipo de análise simplificadora, é necessário esclarecer as mediações em tal processo social.

Observa-se que a responsável está presa entre duas “instituições” do Capital (a empreiteira e o Estado). Se Caso ela decidisse seguir a orientação da técnica, a assistente social K., poderia enfrentar restrições de caráter político e econômico por parte da prefeitura. Caso viesse a enfrentar tais restrições, o programa enfrentaria dificuldades consideráveis. Não pode-se esquecer que a prefeitura de São Paulo⁵², como parte integrante do Estado brasileiro é integrante do sistema do Capital- como mencionado no referencial teórico a tríade constitutiva do sistema Logo vê-se claramente as restrições estruturais da qual padece o PAF.

Desse modo, é necessário adicionar também própria proposta do programa explicita o objetivo de “desenvolver as habilidades para inserção no mercado de trabalho”, um esforço fadado ao fracasso uma vez que devido ao fato de que, o momento sócio-histórico do Capital, ao invés de, na época de Marx, “somente” produzir um exército industrial de reserva, agora é produzido um “excedente de humanidade, destinado às categorias do trabalho informal”⁵³- que “é o tipo de trabalho desvinculado a qualquer empresa, ou seja, é o trabalho indireto onde não há vínculo empregatício por meio de documentação legalizada”⁵⁴- ou como define Bauman, o *Underclass*, que significa “estar fora, excluído, não servir para nada”⁵⁵.

Em suma,

⁵² Ainda mais que o atual prefeito, Gilberto Kassab, é integrante do DEM, antigo PFL, partido de orientação reacionária.

⁵³ Davis, M. “Planeta Favela” in *Contragolpes: seleção de artigos da New Left Review*. p. 211. Boitempo. 2006. São Paulo

⁵⁴ <http://www.alunosonline.com.br/geografia/trabalho-informal/>

⁵⁵ Bauman, Z. *Confiança e medo na Cidade*. p. 83. Jorge Zahar Editor. 2009, Rio de Janeiro

“a classe trabalhadora informal [é] submetida por toda a parte a micro e à macroexploração[e quase] universalmente privada da proteção das leis e dos padrões trabalhistas(...)[uma vez que] a tendência macroeconômica real do trabalho informal é a reprodução da pobreza absoluta”⁵⁶

Concomitantemente, a população atendida pelo PAF, portanto estaria inserida em um momento histórica de exclusão, além da exploração, como define Bauman, estariam na categoria de “underclass” Tendo em vista a impossibilidade sistêmica, o objetivo do PAF ao mencionar “ganhos de autonomia e melhoria sustentável de sua qualidade de vida”, não pode ser realizado. A autonomia, a emancipação são as contradições do Capital.

As APS, portanto, enfrentam no seu dia a dificuldade e a impossibilidade de sua tarefa, de seu reconhecimento (devido à tarefa visada e aos meios possíveis de realização) gerando sofrimento no trabalho, uma vez que o reconhecimento:

“não é uma reivindicação secundária dos que trabalham. Muito pelo contrário, mostra-se decisivo na dinâmica da mobilização subjetiva da inteligência e da personalidade no trabalho”⁵⁷

. Da maneira, como evidenciado pelas entrevistas, a questão inicial do trabalho, das atitudes e consciência crítica e de emancipação, são, se não nulas, extremamente limitadas. Tais momentos, infelizmente, não foram sequer perpassados, ou observados no decorrer da pesquisa(como mostram também as entrevistas).

Já a questão sobre o seu papel contraditório, na verdade, pelas determinações explicitadas acima, mostra que a questão deve ser observado de outra maneira: como membro da classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES,2001:101-17), elas estão situadas em posições já opostas ao Capital, estruturalmente. No entanto, seu trabalho⁵⁸, diretamente, não pode ser classificado como contraditório, pois faz parte, como já mencionado, de uma série de concessões do Capital(ao Trabalho).

Tendo em vista tais conclusões, é necessário adicionar que a Potencialidade da crítica à ordem vigente resume-se a comentários inundados pelo senso comum ideológico – que contém seu momento de verdade, mas, somente através da crítica com fins emancipatórios, aquela pode ser posta em termos dialéticos de verdade e

⁵⁶ Davis, M. op. citada p.211

⁵⁷ Dejours, C. A Banalização da Injustiça Social. p. 34. FGV editora. 2007. São Paulo

⁵⁸ A questão de se as APS seriam contratadas de acordo com a mesma lógica da indústria cultural (ver p. 13), não foi observada nas cartilhas do Ação Família, nem no decorrer da pesquisa,

falsidade- tais como “eu acho que também tem uma coisa de comodismo”, “a gente vê que o pessoal ainda tem muito aquela cultura do ganhar” ou, quando a APS C. avalia as condições de vida da população que reside na área mais pobre da região:

“Na Diogo Pires mesmo, *muita gente fala que eles são muito carentes, mas ai você tem também outro lado da moeda*, são pessoas carentes porém muitas pessoas que estão lá, na linha são pessoas que saíram daqui de baixo da outra linha, que teve que sair para fazer os prédios. *Então não são tão carentes assim, eles não tem que pagar aluguel porque a prefeitura deu para eles, não tinha que pagar água, luz e nem aluguel*, ai o que eles fizeram foi, compraram um barraco lá, e estão aguardando os prédios , vai sair mês que vem, os que estão fazendo lá atrás, como nós mostramos pra você”

Se não espaço para a crítica, não há caminho para a emancipação. A problemática resume-se ao necessário à sobrevivência diária, ou seja, as questões de como *sobreviver* é que estão na ordem do dia. Não possuem a consciência de que só tem seus grilhões a perder. O sofrimento precede o pensamento, como diria Feuerbach, mas, nesse caso, não ao pensamento crítico. Contudo, a Utopia⁵⁹ nunca deve ser perdida de vista: “*A única delicadeza se encontraria no mais grosseiro: que ninguém precisasse passar mais fome*”⁶⁰

Não só não passar fome, mas também a possibilidade de um mundo cheio de sentido em atividades não-alienadas em que o homem possa libertar-se de sua pré-história.

Considerações Finais

A pesquisa nunca chega a palavra final. Ela termina porque seu tempo acaba. Não pretende-se aqui esgotar o tema ou pôr um ponto final sobre as questões propostas como: a capacidade para a crítica, a emancipação em tais condições sócio-históricas específicas do trabalho, etc. Nota-se a avaliação pessimista dos resultados, mas outras pesquisas podem apontar mudanças ou resultados contrários aos que se chegaram aqui. O interminável fluxo do devir nunca se esgota. Outras condições e

⁵⁹ Não entendida como a aceção ideológica dominante, como “sonho impossível”, mas como Utopia positiva, como momento necessário à negação da ordem existente.

⁶⁰ Adorno, Theodor. *Minimia Moralia: reflexões a partir da vida lesada*. p. 152-53. Editora Ática. 2008, São Paulo

momentos históricos, talvez, poderiam levar a conclusões positivas sobre a Crítica e a Emancipação.

No entanto, não se deve interpretar o tom pessimista das conclusões do presente trabalho como uma evidência do discurso hegemônico de que não há alternativa à ordem vigente. O que dever ser visto é a dificuldade, mas não a *impossibilidade*, da luta contra o que está. Tal momento é necessário para que estabeleçam concepções mais realistas, mas não menos com fins Utópicos.

Contra a hegemonia do Capital, voltemos a Kant:

“Quando uma coisa tem um preço, pode-se pôr como em vez dela qualquer outra como equivalente; mas quando uma coisa está acima de todo o preço, e portanto não permite equivalente, então ela tem dignidade(...); aquilo porém que constitui a condição só graças à qual qualquer coisa pode ser um fim em si mesma, não tem somente um valor relativo, isto é, um preço, mas um valor íntimo, isto é dignidade. Ora, a moralidade é a única condição que pode fazer de um ser racional um fim em si mesmo, pois só por ela lhe é possível ser membro legislador no reino dos fins. Portanto a moralidade, e a humanidade enquanto capaz de moralidade, são as únicas coisas que tem dignidade.”(KANT,2005:77)

Todos e, não alguns, são dignos.

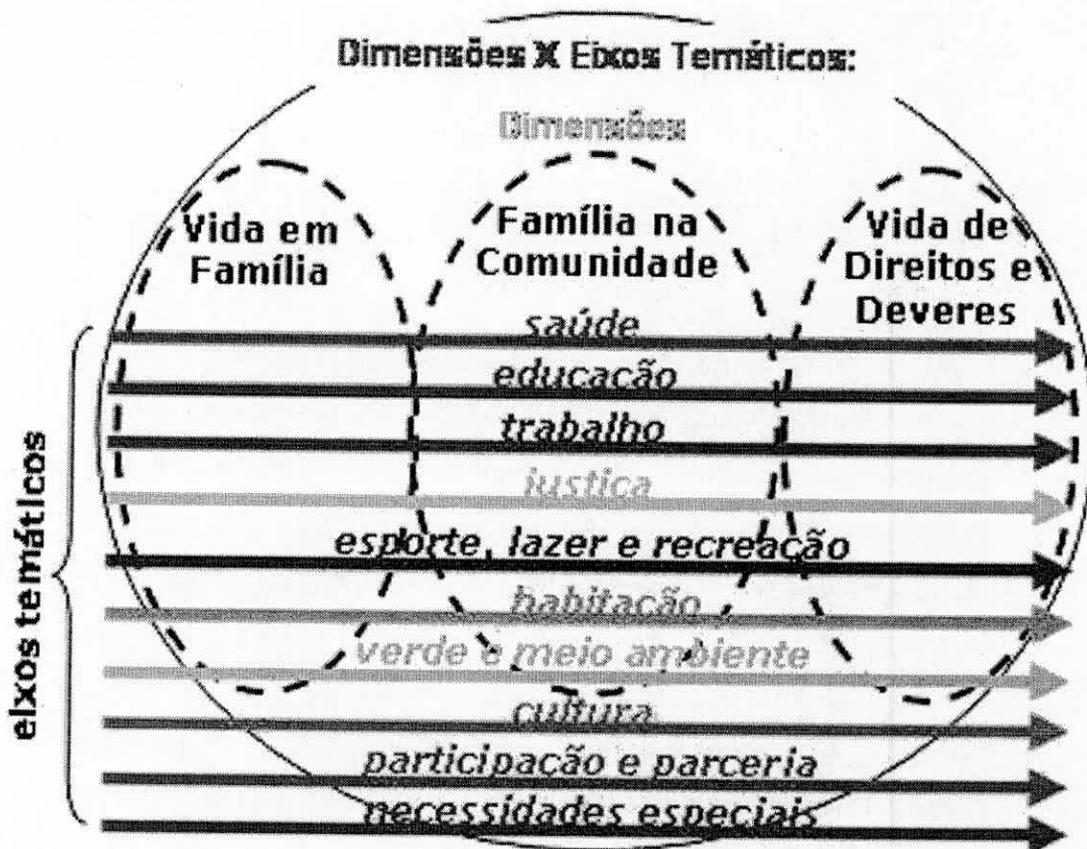
Referências Bibliográficas:

- ADORNO, T. *Minima Moralia*. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- ADORNO, T. *Sociology and Psychology*. 1968
- ANTUNES, R. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio Sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2006
- BAUMAN, Z. *Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2007
- BAUMAN, Z. *Confiança e medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009
- BOTTOMORE, T(org.). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- DAVIS, M. "Planeta Favela" in *Contragolpes: seleção de artigos da New Left Review*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- DEJOURS, C. *A Banalização da Injustiça Social*. São Paulo: FGV editora, 2007.
- DEJOURS, C. *Conferências Brasileiras: Identidade, Reconhecimento e Transgressão no Trabalho*. São Paulo: Edições Fundap, 1999.
- HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003;
- HORKHEIMER, M. *Eclipse of Reason*. New York: Continuum books, 2007.
- HORKHEIMER, M. "Teoria Tradicional e Teoria Crítica". IN Max Horkheimer, Theodor W. Adorno: textos escolhidos. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- HORKHEIMER, M e Adorno, T.W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 2005
- LOTTA, G. *Estilos de Implementação: Ampliando o Olhar Para Análise de Políticas Públicas*. Salvador: Encontro de administração pública e governança, 2008.
- MARCUSE, H. *A Ideologia da Sociedade industrial: O Homem Unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- MARCUSE, H. *Razão e Revolução: Hegel e o Advento da Teoria Social*. São Paulo: Editora Paz e terra, 2004.

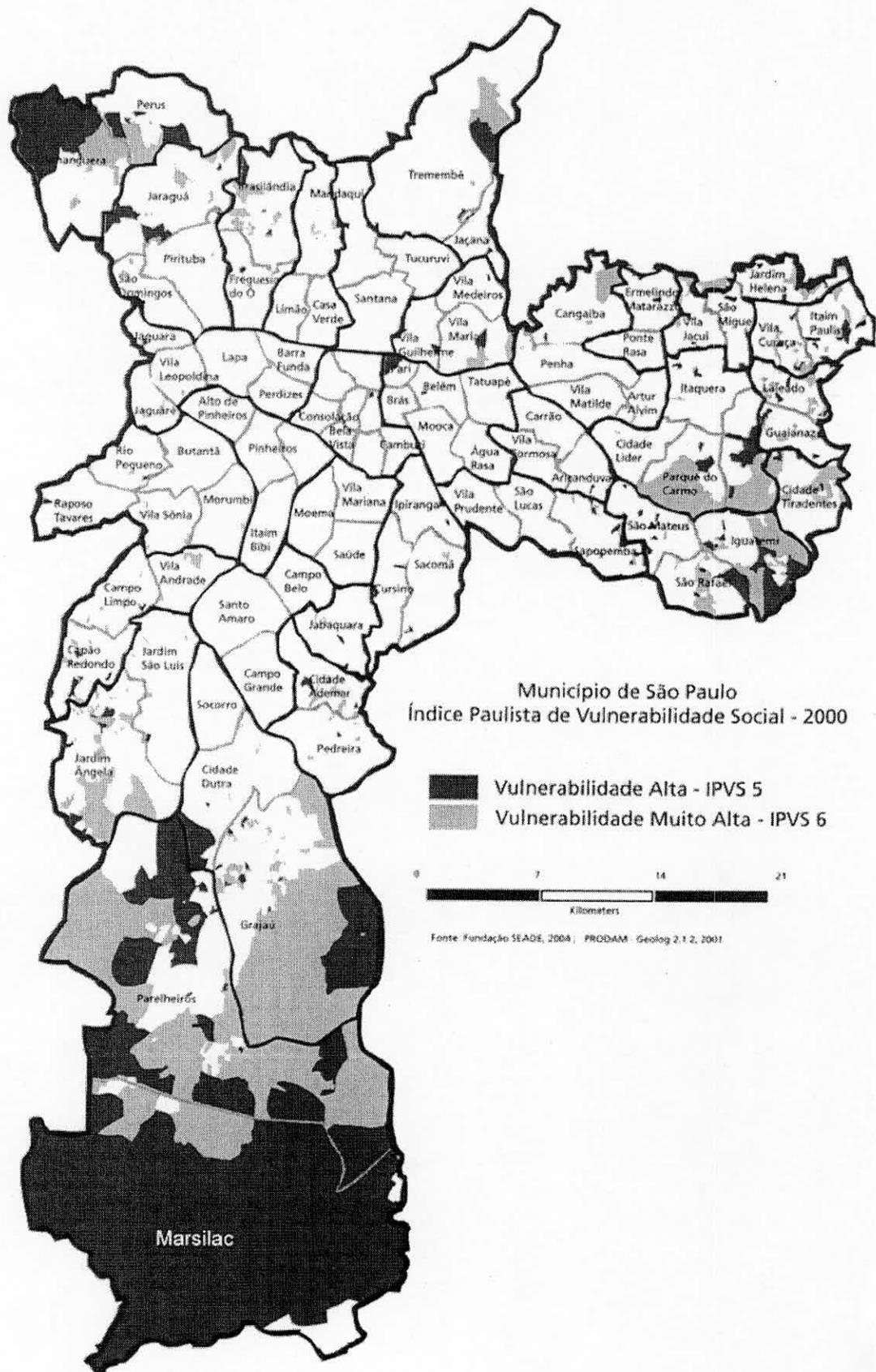
- MARX, K. *Manuscritos Econômico Filosóficos*. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.
- MESZÁROS, I. *O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico*. São Paulo: Boitempo editorial, 2007.
- Prefeitura da cidade de São Paulo, secretaria de assistência e desenvolvimento social. *Ação Família: viver em comunidade*. . São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- Prefeitura da cidade de São Paulo, secretaria de assistência e desenvolvimento social. *Ação Família: viver em comunidade: cartilha de visita domiciliar*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- RODRIGUES, A. M. *Operário, Operária: Estudo Exploratório sobre o Operário Industrial da Grande São Paulo*. São Paulo: edições Símbolo, 1980.
- ROUANET, P. S. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- SENNET, R. *Corrosão do caráter*. São Paulo: ed. Record, 2007.
- WACQUANT, L. *As Duas Faces do Gueto*. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.
- ZIZEK, Slavoj. *Bem Vindo ao Deserto do Real! Ensaio sobre o 11 de Setembro e Datas Relacionadas*. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.

Sites:

- <http://www.alunosonline.com.br/geografia/trabalho-informal/>
- <http://www.acaofamilia.prefeitura.sp.gov.br/>



Fonte: <http://www.acaofamilia.prefeitura.sp.gov.br/portalfamilia/Default.aspx?idPagina=1652>



Fonte: <http://www.acaofamilia.prefeitura.sp.gov.br>

Anexo 2:

Entrevistas:

Entrevistador: fale um pouco da sua vida, da sua história, como você chegou até aqui, etc.

C: Eu comecei, a minha cunhada fazia parte da Pastoral, aí o padre anunciou na missa que ele estava pegando q que ele deu preferência para quem estava na Pastoral pata tá(sic) divulgando, ele não divulgou na missa ele primeiro divulgou na Pastoral e calhou de eu estar desempregada, em Fevereiro, ele falou mais ou menos em Março, aí eu peguei e mandei o currículo mas mandei acho que em Junho.

Mandei o currículo e foi feito uma seleção, todos que mandaram foram chamados. Foram chamados mais ou menos 8, aí fizemos a prova e desses 8 2 ou 3 foram dispensados logo na prova aí fizemos a entrevista. Dos aprovados pra entrevista ficou eu, a G. e a V., em 2007 (a V. saiu agora em 2009, foi dispensada porque o convênio reduziu, e ficou só eu e a G.). Aí no caso seria só 2 agentes, 1 técnica, e a gerente administrativa.

No começo foi novidade, sempre trabalhei com máquina, desde os 14 anos, que eu fui pra uma empresa, eu trabalhei com máquina. Foi uma diferença muito grande trabalhar com pessoas. Assim, máquina você conduz e as pessoas não. Pra(sic) mim foi um começo muito complicado, pra mim eu achei que eu não ia me achar nunca. Se a pessoa falasse A eu entendia B, mas eu sabia que era A, eu achava que eu não ia me encontrar. E aí eu comecei a conhecer mais o trabalho, ter o mesmo trabalho no ano passado. Na verdade, nós começamos a atender as famílias o ano passado, depois de um tempo mesmo que eu fui pegando[o jeito]. Porque era um trabalho, como que era a visita, com que era o acompanhamento, como que era feito, aí que eu fui pegando, porque no início foi muito difícil. Aí assim, eu gosto do meu trabalho, mas as vezes do gostar traz angústia, às vezes angústias que você (...) [silêncio] eu sempre questiono a G., ah, mas às vezes a presença é importante, eu falo assim pra ela- mas nem sempre a presença é importante, eu falei pra ela.

Não adianta eu estar aqui passando fome, você ir lá e falar pra mim [do programa], não, você tem que arrumar um trabalho, se você não consegue um trabalho, você tem que fazer isso e você tem que fazer aquilo. Às vezes eu não to precisando daquilo, to precisando de 1Kg de arroz. Igual a outra semana, fui na casa de uma família que eu

atendo, e por coincidência, o marido da moça era assim, eu peguei ele no colo- eu não tô(sic) velha. Ele tem 19 anos, eu acho que (eu) tinha 14 ou 15 anos quando ele nasceu. Para mim foi um(sic) angústia muito grande, porque ele está desempregado. Ela fez um gesto pra ele, acabou o gás e acordou ele, ai ele até me deu oi, me chamou pelo meu apelido e eu falei oi. Nisso ele ligou e falou, o gás ta pegando e ela falou, não tava pegando, era o resto do gás. Ai logo apagou e ele voltou pra cama.

Eu olhei assim e fiquei pensando, acho que eles tão sem dinheiro. Aquilo assim na hora, se eu tivesse dinheiro, eu teria dado pra ele, isso não pode fazer no meu trabalho, eu não taria(sic) fazendo meu trabalho, eu estaria fazendo por amizade, por ele, não, pega e vai comprar o gás, porque ele sentou na cama assim(são dois cômodos a casa dele), então onde eu estava dava pra ver a cama. Eu não perguntei se eles tinham dinheiro, se ele dissesse que não tinha dinheiro o que eu ia fazer? Eu também não tinha dinheiro

Ai depois ele ficou com a mão na cabeça e foi lá pra televisão (como assistente o que que eu faço agora?). Ai eu fiquei conversando com ela, eu não ia comentar nada sobre dinheiro se tem ou se não tem porque eu também não tenho, o que é que eu vou fazer? Porque é assim, ao mesmo tempo que é bom, às vezes traz sofrimento, a gente fica sofrendo com a situação da pessoa. Tem uma palavra que fugiu...igual a G. falou assim, não... mas acho que a pessoa precisa.

Mas eu acho que a pessoa precisa da pessoa estar presente, eu falei precisa quando a pessoa não está necessitada de alguma coisa pra se alimentar, ai sim eu acho que a pessoa precisa de um afago, uma companhia. Igual, ontem, eu falei pra ela, ah, que porcaria, fui fazer uma visita e a moça atendeu da laje, ai o pai e mãe dela fez uma cara tão feia, eu disse, ai caramba, eu penso assim comigo, se for pra ver cara feia eu vejo a minha em casa, não é, eu pensei. Mas ai eu tava(sic) fazendo meu trabalho, que é a capacitação que nós fizemos também, que fala se a pessoa chutar o pé da barraca, não precisa ficar com aquilo pra(sic) você que não com você é com ela. Ai eu pensei nisso, e vi você não tá(sic) fazendo seu trabalho direito, seu trabalho é entrar na casa da pessoa, você sentar e você conversar com a pessoa.

A partir do momento que a pessoa atende você na porta, que vai falar com você no portão, você sente que o seu trabalho está sendo bem feito. E você também não pode cobrar isso da pessoa, por favor, eu tenho que entrar, você não pode cobrar isso da pessoa se ela não te convidou pra entrar.

Chega uma hora que você tem que falar com a pessoa, eu preciso entrar. Eu me sinto ainda a vontade de falar isso pra pessoa, isso já é de mim, se a pessoa tá(sic) ali

conversando comigo no portão é por que ela não quer que eu entre. Depois dessa mulher que fez a cara feia(que raiva, o que é que eu estou fazendo aqui, eu pensei), ai eu fui na casa de outra pessoa e ela me tratou tão bem, que eu até esqueci da que fez a cara feia. Uma coisa compensando a outra. Tudo tem seu lado bom e seu lado ruim. É assim.

Entrevistador: e você, G.?

G: também fiquei sabendo através da reunião que o padre fez, porque eu faço parte da Pastoral da criança. Então quando ele falou do trabalho eu me interessei, porque esse trabalho para a Pastoral também é um trabalho na comunidade, visitando as casas, é uma coisa que eu gosto.

Eu também mandei um currículo, teve toda seleção, a 1º seleção que teve a gente fez a prova, depois foi uma redação junto com uma entrevista e mais a dinâmica, e ai fomos chamadas.

Esse é meu primeiro emprego com carteira registrada. Na capacitação eu gostei muito, a gente aprendeu muita coisa. Tanto você aprende na parte profissional, mas também como pessoa, a gente aprende a se conhecer melhor. Mas na hora do trabalho no campo, é como se diz, na teoria é uma coisa na pratica é outra. Eu penso nas dificuldades que a gente teve aqui, a questão do cadastramento que demorou e as condições de trabalho, assim, no conhecimento da equipe, no relacionamento, aprender a respeitar um ao outro, e depois que teve o cadastramento começamos o trabalho da abordagem, nas casas das famílias. Trabalhávamos ainda em 3, tudo era muito novo, a gente se divertia muito, a gente acaba conhecendo mais as pessoas, conhecendo nosso próprio território. Morava aqui mas não conhecia tanto. Hoje eu sei cada viela, a gente sabe o nome, também conhece muitas pessoas.

O primeiro instante que a gente convidou é toda aquela empolgação que a gente tinha, aguardar, a expectativa, as pessoas vinham, é como nós aprendemos.

A gente tem uma expectativa, só que a outra pessoa tem outra. Aprendemos muito já a trabalhar essa coisa assim, não ficar frustrado. Porque você tem uma expectativa e você vem trabalhar com certa humildade, você, às vezes tem um objetivo e tem uma expectativa, só que depende da resposta do outro, e o nosso trabalho às vezes ele é frustrante nesse sentido, porque nós vamos nas casas, a gente faz a visita. O primeiro instante é só uma abordagem, para poder explicar qual é o programa. As primeiras

reuniões todo mundo vem, mas a gente vê que o pessoal ainda tem muito aquela cultura do ganhar. Então as pessoas ainda estão muito focadas nisso... porque eles acham que vão ganhar uma transferência de renda. Com o tempo, teve as primeiras reuniões, depois o povo foi assim, não ..., ai foi desmotivando(sic).

A gente dá uma desmotivada, fica desanimada. Aqui o nosso trabalho, a nossa dificuldade tipo mesmo ta(sic) sendo esta questão, até hoje a gente não conseguiu *alguém que ficasse fixo mesmo*, um trabalho que pegasse um vínculo com as famílias. A Sil.[técnica] que foi a que ficou mais tempo conosco, ficou 3 meses, eu acho que isto também tem muito a ver com a questão que eles , acho que a pessoa não pega um vínculo com o programa, porque vem- aí cadê fulano de tal, ela não ta saiu- porque isto também passa um pouco de descrédito. O que é que acontece, que não enquadra ninguém, e gente ouve muito eles falarem isso na reunião, é cada vez uma pessoa diferente, mas a gente tem que insistir mesmo eles não querendo, então teve varias mudanças na nossa equipe. Teve a saída da V., mexeu um pouco com gente, com as famílias dela que estavam com vínculo com ela,teve que dividir pra mim e pra C.. Tem algumas famílias que agora que estão pegando um pouco de vinculo com a gente, tem aquelas que realmente não quer. Como a C. já falou, tem essa coisa, tem aqueles que te atende bem e tem as pessoas que não querem saber, que não quer ser incomodado.

Uma coisa compensando a outra. As vezes, eu paro e penso, por exemplo, tem uma pessoa que me trata mal, ai no mesmo instante eu reflito assim pra mim, será que eu não tratei a pessoa, assim(...) [suspiro] eu acho que tudo na vida a gente tem que tomar como aprendizado, tem que aprender muito, porque eu acho que a gente aprende muito com a experiência do mundo,ai as dificuldades a gente vai assim do nosso limite, do que a gente pode e do que a gente não pode fazer. Às vezes, você vai chegar numa casa, que o que aquela pessoa quer na realidade é a barriga dela que ta vazia, você esta chegando lá, você não pode oferecer o alimento. Assim, nosso limite, o que eu posso ou não posso ajudar. A gente vai tentando continuar o trabalho,às vezes, as gente fica realmente desmotivada mesmo por causa dessas coisas, e o trabalho fala que ele é inter-setorial, mas a gente vê que a coisa funciona mesmo dentro da própria comunidade.

É setorial porque, existe até uma comissão que os programas da família, ele é ligado a outras 3 secretarias, só que a gente não vê isso funcionar muito, eu acho que a coisa funciona mais dentro da própria comunidade, se une um pra ajudar o outro, vamos falar que a gente tem, vamos supor, a Cristina minha vizinha, se eu tiver um problema, é mais fácil ela me ajudar do que outra pessoa da própria casa, é complicado.

Às vezes a gente se desanima nesse sentido, cria forças de novo pra continuar, estamos com esta dificuldade que as pessoas não estão freqüentando muito o grupo, a gente ta marcando mais visitas para ver se traz de novo eles se dá novo animo, e esperando nova contratação da técnica.

Entrevistador: Até agora não chegou outra.

G: Ainda não, vai começar de novo uma seleção acho que a semana que vem, ... a gente está aguardando.

[A entrevista continua com a APS C.]

C: como eu falei, o trabalho em si é bom, as angústias que traz, como eu falei pra você, que muitas vezes, eu não tava questionando de novo né, amiga, muitas vezes a pessoa...tudo bem que é importante, mas se eu tiver precisando de alimento não vai na minha casa só por necessidade que eu não quero não, tá(sic) me chamando de interesseira, né(sic). Não, é que é assim, o importante, às vezes, é você podê(sic), eu acho que deveria ser mudado assim, eu acho não porque eu não tenho certeza, minha opinião que acho que deveria mudar, com relação assim, já que o programa é fazer a diferença, que fosse feito, não assim, dar nada de mão beijada pra ninguém, naquele momento fosse ajudado, e desde que eu to aqui, não foi feito um trabalho assim que eu possa ter falado, nossa, que trabalho, sabe ainda não deu essa confiança ainda pra mim. Eu falar assim, realmente faz. Sei lá, porque eu vejo algumas mudanças, tudo bem que a gente ajuda em alguma coisa, não vou falar também que não vi uma família minha crescer. Tem até uma moça aqui no bordado que ela conseguiu um emprego que a professora arrumou pra ela. Então você vê que tem um desenvolvimento, que eu acho que a pessoa também tem que se ajudar, mas eu acho que deveria ter alguma coisa por traz de venda que você conseguisse levantar a pessoa. Sei lá, não falo palestra, porque, às vezes, a pessoa não dá importância pra isso, eu tiro por mim, eu fico agoniada de estar num lugar eu ter que ficar prestando atenção em alguma coisa, então, você já se coloca no lugar dessa pessoa. A pessoa tá(sic) desanimada, lá tem uma moça que sei lá, tens uns 4 ou 5 meses que eu to acompanhando ela, e ela fala que o posto não tem vaga. Isso ai eu sei que é mentira, realmente se você vai no posto, chega lá e você quer marcar uma consulta normal, vai ser atendido lá para Setembro, que ela reclama que é dor de cabeça, então não é nada grave, agora se eu tirar minha roupa e mostrar a situação que

ta meu corpo inteiro, com certeza se ela tiver, ela vai dar um jeito do médico te atender naquele momento. Então você vê que tem alguma coisa por traz, que é mentira o que a pessoa tá(sic) falando. Então, o que é que eu vejo, ate no sentido dessa moça, que é o que a gente não pode fazer, que é ai precisar da técnica, ontem tinha uma técnica que passou aqui e acho que ela ia fazer, e ela até comentou, C., ...não tem médico pra eu(sic), você e ela, nós vamos levar ela lá, nós vamos passar ela. Então, falta essa coisa assim de fazer, e a gente não pode fazer.

Ontem quando eu cheguei na casa dela ela estava melhor, por que ela tem psoríase, então assim, uma vez ela levantou a calça até o joelho , nossa tava muito feio as pernas dela.

E:: O que é psoríase?

C: é como se fosse uma alergia que da no corpo inteiro, ela tava toda, como se fosse uma sarna, não sei te falar se é. Ela também não fala, ai que seria, a gente levaria ela lá no médico. É o que a técnica falou, eu vou levar ela no médico, mas a moça fala que não quer, mas ai ela falou você vai comigo, tudo bem. Ela falou que ia entrar com ela para saber a situação realmente o que é que era. Então eu acho que falta alguma coisa assim que dê aquele incentivo, mas...a gente não pode fazer, pular algumas regras que seja feito em relação a isso, essas coisas deveria(Sic) ser mudado, e a gente fica meio que amarrado em relação a isso, e também que , as vezes até entendo e relação a isso também, que se você faz pra um o outro sabe, se você fez pra Maria tem que fazer pra Joaquina. E também fica essa cobrança, semana passada uma coisa que aconteceu que ai deu aquele incentivo, foi até um alivio para mim. Fui na casa de uma senhora, eu tinha ido mês passado meio que coincidência ,cheguei lá eu nem ia passar na casa dela (...) na hora que eu descí, ai ela falou, ai Cristina, ela tem um jeitinho muito simples, a minha casa pegou fogo, ai eu olhei o teto e estava tudo escuro mesmo, ela falou tão normal, ai ela contou que o filho dela chegou bêbado e acendeu um cigarro, ele tava tão bêbado que deixou cair em cima do colchão e pegou fogo, e ela falou que foi aquela coisa, que pegou fogo no quarto dele, foram apagar e conseguiram ligar para o bombeiro, mas eles conseguiram amenizar o fogo, ai foram buscar lá na igreja, ai, vamos tia, tia a senhora pode ir para casa, ela falou o que aconteceu, falou que tinha pegado fogo e que só pensava no filho dela, ela chegou e falou assim,” e o meu bebum(sic), cadê meu bebum(sic)”. Tá dormindo, então graças a Deus, o resto a gente corre atrás, ai depois eu liguei na hora pra D., ai eu pedi pra D., meu sogro tava de férias que é que poderia ser resolvido, que ai quem respondia era o Antonio Carlos, ele e o padre Roberto, mas eu

falei para ela ligar para o Antonio Carlos, ele era da sub-prefeitura, ai ela ligou lá para ele, ele na hora já viu, e essas coisas da aquele incentivo. Conseguiu resolver o problema da dona R., conseguiu ajudar, porque resolver vai sendo aos poucos, mas ai você vê, dona R. conseguiu ajudar e a dona M., que ...aquilo. Acho que muita coisa ainda precisa mudar, de repente até eu preciso mudar também alguma coisa pra fazer um trabalho diferente, mas alguma coisa ainda precisa ser mudada, pra sair um trabalho perfeito. Perfeito assim ainda não digo, mas, melhor.

Entrevistador: O que você acha do trabalho, o que você acha que tem que mudar, você gosta, não gosta.

G:O trabalho lógico que precisa mudar, não só o trabalho, mas a equipe também. Acho que precisa, a falta que sempre teve de ter uma técnica. A K. que passou por aqui, a K. veio assim, agora o trabalho vai caminhar mesmo, a gente está a 2 anos, com as famílias mesmo vai fazer 1 ano. O programa é assim, ele tende a acompanhar as famílias que entram num período assim de 2 anos, depois seria feito um outro cadastramento e viriam outras famílias. Aqui o bairro, ...[silêncio e mudança de assunto] é uma características já das pessoas, eles tem as ...[inaudível] eles tem as coisas, por exemplo, todos os projetos que o padre tem para trazer aqui pra dentro mesmo, como os cursos profissionalizantes, as pessoas daqui elas tem acesso, eu acho que também tem uma coisa de comodismo. Tem aquilo que as vezes a gente fala, precisaria fazer, porque não é você fazer pela pessoa, as pessoas tem que fazer. Existe o momento, que você vê que realmente precisa fazer, é aonde barra o nosso limite, e as vezes a gente vê que não da, que não depende extremamente de nós, eu acho que precisa mesmo ter uma mudança um rumo, ver se é só fazer mais visitas mesmo e se o grupo sócio educativo, que foi uma coisa que a gente fez uma capacitação, que ele era para cultivar as pessoas, cativar mesmo, porque as pessoas conquistam hoje pelo programa, mas isso não tem acontecido. Eu acho que o que mais desanima a gente é nesse sentido mesmo.

Porque esta insistindo para as pessoas participarem, ai você vê aquele número muito baixo. É aonde a gente se questiona também, varias vezes eu em questiono, será que sou eu. Mas ai eu vejo que eu estou fazendo o meu trabalho ... uma coisa é você, na hora que você vai na casa de uma pessoa, a gente sabe que isso tem que ser separado.

Eu acho que tem sim que melhorar mesmo trazer alguma coisa que façam eles ficarem mais empolgados, uma oficina no sentido de profissionalizar a si mesmo as pessoas, aqueles que tem comercio, uma coisa que [inaudível].

Eu visitei uma menina que tinha falado para ela ir no CAT (centro de atendimento ao trabalhador – São Paulo Protege), eles tem microcrédito, eu ate falei para ela, ela foi lá, só que é formado um grupo, não é individual, eles fornecem o dinheiro, mas você tem que formar um grupo, na comunidade que você mora, e ai eu falei para ela, se você participasse de um grupo você poderia fazer alguma coisa com as pessoas que já fazem alguma coisa também, se as pessoas da própria comunidade não participa, não tem como o grupo ganhar força. Tem uma causa, então a gente vai gritar por isso, então vamos gritar. Então é essa coisa da pessoa se apropriar.

Vamos supor, sou dessa comunidade, eu tenho que correr atrás, então eu acho que precisa mudar, assim pra equipe, tomara que a pessoa que venha , seja alguém que venha para dar uma alavancada(sic) como nos acreditamos que se a K. tivesse ficado que ela iria fazer isso mesmo, que ela já conhece. Que acho que nem é tanto conhecer, que experiência as vezes não é tudo, a gente sabe de pessoas com experiência no ramo, mas se acomoda, não toma atitude. Tem que ser alguém que tenha atitude, pra ver se o programa acontece como tem que acontecer.

C: Na Diogo Pires mesmo, muita gente fala que eles são muito carentes, mas ai você tem também outro lado da moeda, são pessoas carentes porém muitas pessoas que estão lá, na linha são pessoas que saíram daqui de baixo da outra linha, que teve que sair para fazer os prédios. Então não são tão carentes assim, eles não tem que pagar aluguel porque a prefeitura deu para eles, não tinha que pagar água, luz e nem aluguel, ai o que eles fizeram foi, compraram um barraco lá, e estão aguardando os prédios , vai sair mês que vem, os que estão fazendo lá atrás, como nós mostramos pra você.

As pessoas da linha mesmo que nós atendemos para os prédios, e vamos vender o barraco ali, agora não sei se eles vão conseguir vender , porque vai sair, e mesmo não saindo, a prefeitura vai dar R\$5.000,00 para esse pessoal que tem cadastro, ainda assim é uma vantagem, então o pessoal daqui ao mesmo tempo que eles acham que são carentes, realmente tem as pessoas que são carentes e tem as outras que não são, já são pro lado da esperteza .

G:Na minha opinião, as pessoas lá precisam muito, até de atenção, tem uns que precisam de emprego, no lado financeiro, assim. Muitas pessoas ali, tem gente lá que aluga casa, barraco(que coisa , alugar um barraco), e mora em outro lugar, uma de nossas famílias mesmo teve que sair de lá pra alugar na Diogo Pires casa porque o neto teve uma doença e a médica falou, se você não quiser perder seu neto, você tem que sair

daqui, então a situação lá é muito triste, eu acho assim agora com a mudança que a Diogo tá querendo fazer, vai mexer também com o psicológico das pessoas também que agora é da Diogo Pires, que em 2003 foi feito um cadastro geral, tanto aqui como lá e quem tava construindo, foi avisado, vão construir mais vagas. Em 2003 teve filho que casou, ai ela me deu a parte de cima, ai o outro casou também e deu uma puxadinha. Então estes que fizeram este trabalho não vai ter direito ao apartamento.

C: Em relação com as pessoas, daqui foi o que falei ao mesmo tempo que eles acham que as pessoas são carentes, mas outras pessoas puxam para o lado da esperteza.

G: Nas visitas eu não sei porque o pessoal nunca comenta, mas eu vejo da mesma forma da C. se a gente olhar tem pessoas que vão ter um olhar assim, porque até o próprio olhar que a gente tem, assim, é o que a gente vê, primeira vez que você vai na casa, você pensa coitado, ai quando você começa a conhecer a realidade daquela pessoa, às vezes você vê assim, às vezes não é tão coitado. Muitas pessoas aqui, sabe, que tem gente que tá lá, pra ver se vai conseguir, se não consegue em um lugar vai ter pelo menos um dinheiro, porque isso não é só, lá, aqui também teve muito isso. Das casas que tiraram, o pessoal invadiu, pessoas que já tinham casas mesmo, mas acho que tem esses dois olhares, tem o primeiro olhar das pessoas que vêem a situação e locais que pegaram fogo mesmo, varias pessoas que estavam lá é porque estavam com a esperança em apartamento, alguns barracos. Mesmo assim acho que estão conseguindo pegar o dinheiro ai e tudo, então tem esse olhar.

Apesar de que a gente não vê uma coisa que o programa teria mesmo é, como a gente atende aqui e atende lá, tá fazendo ações como se quisesse juntar os dois grupos, a Diogo e aqui, olhando a realidade que você conheceu aqui, é bem diferente. A única ação em que eles ficaram unidos foi na festa de encerramento, que é o intuito justamente isso, fazer os grupos se juntarem pra ter as duas realidades até para as pessoas estarem aprendendo, porque sempre tem um olhar de preconceito, quem tá aqui numa condição melhor, chega aqui e fica perto do esgoto, a pessoa sente que é melhor que outra pessoa, a gente não chegou a ter mais exemplos que juntasse, até para tentar aproximar as famílias. Eu acho que tem as duas coisas, o olhar às vezes, você aquela primeira vez e fala a coitado, mas tem que ver também que tem muitas coisas do aproveitamento, a esperteza.